

Ana Isabel Xavier

Secretária de Estado da Defesa Nacional

Discurso da Secretária de Estado da Defesa Nacional, Ana Isabel Xavier, por ocasião das comemorações dos 80 anos do Armistício e da Torre Sineira em Benfeita

Benfeita, Arganil, 7 de maio de 2025

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Arganil, Dr. Luís Fonseca da Costa

Senhor Chefe do Estado-Maior do Exército, General Mendes Ferrão

Senhores Deputados à Assembleia da República, Dr. Martim Syder e Dr. Eliseu Neves

Senhora Representante da Comissão Europeia em Portugal, Dra. Sofia Moreira de Sousa

Senhor Presidente da Direção da Rede Aldeias do Xisto, Dr. Paulo Fernandes

Senhor Dr. Leonardo Mathias

Senhor Embaixador Marcello Duarte Mathias

Senhores Presidentes de Câmara do Conselho Intermunicipal de Coimbra

Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia do Concelho de Arganil

Demais entidades autárquicas e civis aqui presentes

Ilustres convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

É com profunda honra e enorme entusiasmo que estou aqui convosco, na aldeia da Benfeita, para assinalar os 80 anos sobre o fim da II Guerra Mundial. E faço-o aqui, nesta bela aldeia de xisto, junto das imponentes montanhas da Serra do Açor, não muito longe da aldeia de Santa Ovaia onde cresci e de Oliveira do Hospital onde estudei, porque foi aqui que o som da paz ecoou pela primeira vez em Portugal após este conflito, a 7 de maio de 1945, com 1620 badaladas de esperança.

A nossa presença não serve apenas para recordar. Mas para afirmar, com toda a força da nossa convicção: a paz vale cada esforço, cada sacrifício, cada compromisso. E começa aqui, entre nós.

Esta Torre Sineira é mais do que um monumento em pedra. É também um marco na nossa consciência coletiva e um símbolo vivo do que significa escolher e decidir o caminho da paz e do

diálogo em vez da guerra e do conflito. A sua construção celebra o fim de uma guerra que ceifou milhões de vidas, também vidas de portugueses, e deixou marcas profundas no século XX.

Mas esta torre testemunha, sobretudo, a importância da paz e o imperativo moral de nunca esquecermos para não mais repetirmos.

Ao longo destas oito décadas, o mundo transformou-se profundamente e continua, após um longo período de paz, a confrontar-se com velhos fantasmas que nos recordam que a paz conquistada não é garantida. A guerra, a intolerância, o extremismo e a desinformação continuam a ameaçar os nossos valores e as nossas sociedades.

No entanto, com esta evocação, somos também recordados de como o horror da guerra deu origem a algo profunda e

verdadeiramente humano: a vontade de unir, de construir e de evitar que a tragédia se repetisse. E foi, justamente, dessa vontade que nasceu o projeto europeu. O Dia da Europa, que celebramos já depois de amanhã, dia 9 de maio, simboliza esse mesmo compromisso de união, de cooperação e de solidariedade.

Celebrar o fim da guerra aqui na Benfeita, tão próximo do Dia da Europa, é também recordar que a paz não é só a ausência de violência — é a presença ativa de valores. Valores que partilhamos com os nossos parceiros europeus: a dignidade humana, a liberdade, a democracia, a igualdade, o Estado de Direito e os direitos humanos.

A paz é uma construção consciente e contínua, que deve ser edificada e cuidada com atenção e perícia — a paz é mesmo uma arte. Que não se constrói apenas com militares, mas com todos os cidadãos. Com cada um de vós e com a vossa voz!

É no seio das comunidades que a paz germina e floresce. Nas famílias, nas escolas, nas autarquias. Nos compromissos que assumimos, nas pontes que construimos, na forma como escolhemos dialogar.

Num tempo de conflitos armados na Europa e na sua vizinhança, em que a linguagem do medo tenta impor-se novamente à da solidariedade e da empatia com o outro, é fundamental recordar que a paz começa nos gestos quotidianos, nas instituições democráticas e nas escolhas que fazemos enquanto cidadãos.

Portugal tem sido, ao longo das últimas décadas, um exemplo de compromisso com a construção europeia, com uma ordem internacional com base no multilateralismo e com a diplomacia ao serviço da paz e da estabilidade global.

Esta visão deve continuar a inspirar-se em exemplos ímpares como o da Benfeita: uma povoação aparentemente pequena na geografia, mas grandiosa nas lições. A Benfeita mostrou, há 80 anos, que até de uma pequena aldeia do interior pode despontar um som universal, um som que ecoa das ladeiras desta Serra e se espalha pelo país, pela Europa e pelo mundo — o som da Paz.

E esse som continua a ter eco. Continua a lembrar-nos que a paz é algo que se conquista, cuida e transmite.

É por isso que o programa que hoje se inicia – e em particular o Seminário «A Arte da Paz» – assume uma importância especial, merecendo não só a nossa atenção, mas também a nossa reflexão profunda, ao recordar-nos que a paz é também uma responsabilidade que se renova a cada geração.

É por este motivo que é tão importante dar a conhecer aos mais jovens o papel da Defesa Nacional e das Forças Armadas Portuguesas na construção e defesa do Portugal democrático e dos nossos valores. Foi exatamente o que fizemos na semana passada, aqui na Região de Coimbra, com a assinatura de um conjunto de protocolos de implementação do Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz com os seus 19 Municípios, incluindo o de Arganil.

Educar para a paz é, mais do que nunca, uma missão essencial. É preparar os jovens para resistirem à desinformação, ao discurso de ódio, à banalização da violência. É contribuir para a sua formação como cidadãos portugueses e europeus, conscientes da sua dimensão humana, das suas capacidades e do seu papel na sociedade. Para que sejam construtores de pontes e não de muros.

Hoje, deixo-vos um desafio: passem esta mensagem! Falem com alguém sobre o que ouviram aqui! Se cada um de nós levar a paz no coração e na ação, o som da Torre Sineira continuará a ouvir-se — não apenas nas montanhas da Serra do Açor, mas em cada canto de Portugal, da Europa, em cada consciência humana.

A este pretexto, gosto sempre de recordar o Papa Francisco quando dizia que “Todos desejamos a paz, mas muitas vezes o que queremos é estar em paz, sermos deixados em paz, não ter problemas, mas tranquilidade. Na verdade, a paz tem de ser construída e, como qualquer construção, ela requer compromisso, colaboração e paciência”¹.

Termino agradecendo o caloroso acolhimento dos “Balseiros” da Benfeita e de todos os Arganilenses, deixando um agradecimento especial ao Município de Arganil e à Agência para o

¹ Angelus (01/11/2022)

Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto, que, com sensibilidade e visão, deram corpo a esta evocação tão relevante.

Saúdo, igualmente, todos aqueles que participam nesta iniciativa, mantendo viva a memória e projetando a paz como um valor do presente e não apenas uma recordação do passado.

Faço votos de que o som das badaladas da Torre Sineira da Benfeita continue a ecoar sempre nas nossas consciências, salvaguardando a preservação da memória e da importância vital da paz — hoje, como há 80 anos, e também no futuro comum que continuamos a construir na Europa.

Muito obrigada. Viva a Benfeita! Viva a paz! Viva a Europa!